

- 

JUSTIFICATIVA

No dia 25 de Julho de 2023, a celebração do Dia Internacional das Mulheres Negras Latino-americanas e Caribenhas completou seus 31 anos. A data reúne os pontos focais de emergência das lutas das mulheres negras, afrodiáspóricas, amefricanas, colocando a superação do racismo e do sexismo como agendas centrais para erradicação das violências e da invisibilidade das pautas que norteiam a política econômica, social, cultural e de representação política do país.

Este seminário denomina-se “Lélia Gonzalez” em homenagem à filósofa, antropóloga, professora, militante do movimento negro e feminista precursora da “amefricanidade” como conceito para se pensar a experiência comum de mulheres e homens negros na diáspora e a experiência de mulheres e homens indígenas contra a dominação colonial. Lélia, nas palavras de Sueli Carneiro, é responsável por identificar essa dupla identidade, ser mulher e ser negra, com horizonte próprio de luta. Sendo assim, a escrita acadêmica-militante de Lélia imprime um norte político para todas as mulheres negras do Brasil na redefinição do Brasil do Futuro.

Lélia Gonzalez tornou-se responsável por escancarar na academia, nos partidos políticos, no movimento negro e em toda a sociedade brasileira a maneira como as relações de gênero e raça são estruturantes e propulsionadoras do status de sub-cidadania das mulheres negras na sociedade brasileira, que ainda persiste, conforme as atualizações dos índices de violência, de morte e da fome no país.

São os lares das mulheres negras os mais afetados pela fome e pela insegurança alimentar, 21,2% deles têm insegurança alimentar moderada ou grave e outros 25,6% possuem insegurança alimentar leve, de acordo com um estudo realizado em Salvador por pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA).¹ São fatores preponderantes para a insegurança alimentar, a renda e a escolaridade. Tem-se também dados do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, que atestam que, quando o recorte é a cor da pele, 64% dos domicílios chefiados por mulheres pretas ou pardas sofrem com insegurança alimentar e 18,1% passam fome.²

¹ Ver mais:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-08/lares-de-mulheres-negras-sao-mais-afetados-por-inseguranca-alimentar>> Acesso em 19/06/2023.

² Ver mais: <<https://projetcocolabora.com.br/ods1/a-cara-do-fome-no-brasil-e-uma-mulher-negra/>> Acesso em 19/06/2023.



defesa do campo, da agricultura familiar e dos territórios negros. É na esteira do enfrentamento ao genocídio do povo negro, na luta pela liberdade religiosa e contra o racismo religioso, reorganizando a periferia, as favelas, as comunidades, os quilombos, o povo negro do campo e da cidade para debater gestão e administração público, os avanços e desafios, o feminicídio e a LGBTQIfobia contra os corpos negros, que as mulheres negras tem transformado o Brasil.

É também nas escolas, nas universidades e nos laboratórios de ciência que a educação antirracista tem produzido pertencimento, organização por direitos e enfrentamento à invisibilização da cultura afrodiaspórica e denunciado o epistemicídio da produção intelectual negra, sem retroceder no ativo político-cultural da oralidade, das danças, da alimentação e das danças.

As mulheres negras são indispensáveis, portanto, no processo de tomada de decisão no país, produzindo na articulação política e na agenda pública importantes discussões sobre direitos, sejam para os povos tradicionais, pela educação básica e pelo ensino superior, na saúde pública, pelos direitos das mulheres e no combate ao racismo. Entende-se que os mecanismo institucionais são pontes importantes de enfrentamento das mazelas que enfrentam o povo negro, sem esquecer que as conquistas e mobilizações produzidas nos seios do movimento de mulheres negras, por meio da coletividade, são as engrenagens e métodos essenciais de produzir política participativa, democrática e tutelada pelo horizonte político do bem-viver, do enfrentamento ao racismo e ao sexismo, exigindo fim das desigualdades.

Sendo também as mulheres negras as principais interlocutoras, denunciantes e freios às políticas que visam aumentar a violência, a austeridade, a fome e o desemprego, que no geral, recaem sobre os grupos mais vulnerabilizados como as mulheres, as pessoas negras, as LGBTQIA+, além da população pobre e periférica. Este seminário mostra-se fundamental para se pensar o espaço público, a participação popular e as prioridades de luta por cidadania, bem-viver e enfrentamento à violência do Estado.





Appleseed@aol.com/06/28/97

REQ n.48/2023

- 1 Dep. Erika Hilton (PSOL/SP) - Fdr PSOL-REDE
- 2 Dep. Benedita da Silva (PT/RJ) - Fdr PT-PCdoB-PV
- 3 Dep. Talíria Petrone (PSOL/RJ) - Fdr PSOL-REDE
- 4 Dep. Daiana Santos (PCdoB/RS) - Fdr PT-PCdoB-PV

